

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Imprensa* e o *Diário da Manhã*. Foi também autor de obras de ficção e de estudos literários. Sua obra poética é bastante rica e abrange diversos gêneros literários.

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, sob a orientação do professor doutor João de Deus, apresentada ao Conselho Nacional de Educação em 2001. A tese foi aprovada e o autor recebeu o título de doutor em Letras. Após a defesa da tese, o autor foi eleito presidente do conselho de administração da Academia Cearense de Letras. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, foi possível reunir um quadro acadêmico, ocasião em que o autor foi eleito presidente da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1998

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos ideais,
Trazendo a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

JOSÉ VALDIVINO

José Valdivino de Carvalho nasceu na cidade de Água Verde, município de Pacatuba, Ceará, em 25 de fevereiro de 1911 e faleceu em Fortaleza no dia 26 de abril de 1989, aos 78 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, abraçou o magistério como professor de Português e Francês do Colégio Estadual Justiniano de Serpa, onde foi diretor, e dos Colégios Cearense, Castelo Branco, Juvenal de Carvalho, São José e Dorotéias.

Foi ensaísta, poeta, cronista e jornalista, tendo colaborado com os jornais *O Povo* e *O Nordeste*, com o hebdomadário católico *A Fortaleza* e com as revistas *Valor* e *Revista da Academia Cearense de Letras*. Publicou as seguintes obras: *Coração* (versos), 1938; *O perigo da co-educação*, 1939; *Ma grammaire française*, 1940; *A flor da Jurema*, 1942; *A poética do padre Antônio Tomás*, 1943; *Pontos de Português*, 1943; *Você e a crase*, 1975; *Tardes sem sol*, 1978; *Matriculei-me no "Cearense" (nótulas recordativas)*, 1979, *O étimo de Valdivino*, 1980; e *Historinhas para meus netos e bisnetos*, 1984. Segundo Raimundo Girão, "é escritor de estilo suave e é tomado do mais delicado sentimentalismo". Recebeu do governo do estado a Medalha Justiniano de Serpa e, da cidade de Redenção, a Medalha do Centenário e o título de Cidadão.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 15 de agosto de 1953, ocasião em que foi saudado pelo historiador Raimundo Girão. Ocupou a vaga deixada pelo escritor Joaquim Alves, cadeira 11, cujo patrono é o Barão de Studart. Pertenceu à Academia Cearense de Língua Portuguesa e ao Instituto Cultural do Vale Caririense.

ÁRVORE FERIDA

*Olha esta árvore à beira deste lago:
Alguém apedrejou-a: está ferida.
E a sombra muda, como seda e afago,
Se distende, nas águas, diluída.*

*Folhas ao chão e frutos já sem vida.
Quem cometera tão cruel estrago?!
Árvore triste, árvore sentida,
Recordas um desgosto antigo e vago.*

*Mas (é de ver!) embora maltratada,
Esquece o insulto e a fronde umbrosa inclina
Ao caminheiro exausto da jornada.*

*E ali, tranqüila, à beira da lagoa,
Dos galhos corre o pranto da resina,
Como quem chora e como quem perdoa.*

NO BANHO

*Dorme a lagoa à calma vespertina.
Volitam jaçanãs em revoadas.
Tecem paus-darco, em torno, uma cortina
No manto verde-escuro das ramadas.*

*Alguém, dali, em rápidas passadas.
Logo se achega. E, n' água cristalina,
Calma, se banha. Em voltas caprichadas,
Percorre o lago e o colo branco inclina.*

*Porém, de súbito, um rumor a espanta
E o alvo corpo, a tremer, sai da lagoa.
Quanta beleza na esbeltude, quanta!*

*Mas quem seria? Que primor estranho!
Nada, curioso, uma coisa à toa:
Era uma garça que tomava banho...*

QUEIXA

*Sei de um lugar onde vivi feliz,
onde passei, contente, a infância toda.
Esse lugar é paraíso em festa.
Tem árvores, tem céus e tem montanhas...*

*E eu era o felizardo nisso tudo.
Tinha nas mãos bucólicos luares...
Na casa-grande, sempre calma e amiga,
Vivia o som de minha voz cantando...*

*E o rio manso, e o canavial tão verde...
E os frutos que dormiam pelo chão...
E as tarde todas de ouro pelas serras...*

*Porque não me deixaram como eu era!...
Menino e ave, riso e madrugada,
olhos cheios de azul e primavera!...*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELOS FAMILIARES DO POETA.